**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”**

**LCF0270 - Educação Ambiental 2016**

**Nome: Fernanda Ceratti Nº USP: 8967410**

**UTOPIA**

Utopia é o sinônimo de fantasia, ilusão, devaneio...

Ouvi esta palavra pela primeira vez quando estava cursando meu último ano de ensino fundamental, em 2010. Foi pronunciada pelo meu professor de história, que olhava de maneira cética para a palavra. Ele dizia aos seus alunos que as pessoas não atingem seus objetivos baseando-se em utopias. Seis anos depois, o assunto reapareceu em minha vida, nesta disciplina.

Em 1516, foi publicada a obra “Utopia” de Thomas Morus, onde o autor criou um território distante, imaginário, onde havia justiça e tudo era perfeito. Criou então uma ideia de sociedade alternativa. Após Morus, diversos autores publicaram obras com a mesma temática.

Edward Bellamy, autor norte-americano, escreveu a obra “Looking Backward: 2000–1887”, onde descreveu, em 1887, sua versão utópica do mundo no ano 2000. Neste mundo, a cooperação e o compromisso mútuo têm como resultado assegurar o social e pôr fim à indigência, às diferenças entre os sexos e à loucura. Hoje, vivenciando o século XXI, vemos que as utopias de Bellamy não se concretizaram na intensidade que o autor desejava.

Há textos que estão tão enraizados em nosso meio que não percebemos o fato deles serem utópicos. Temos como exemplo os “Dez Mandamentos” contidos na Bíblia. Estas “leis” fundamentam-se em, basicamente, amar, perdoar e servir a todos.

Para mim, a utopia é como uma arte. Temos a capacidade de, em meio ao caos e complicações, imaginar e projetar um mundo como queremos que ele seja. Saímos de nossa realidade e vamos a outro local, sem sair de nosso lugar físico. Todas estas projeções são um grande incentivo para começar a realizar as mudanças que queremos. Pessoalmente, não projeto minhas utopias em locais “distantes”, como uma ilha. Projeto no local físico em que vivo, na minha rotina, comigo e com pessoas que conheço contribuindo para que o mesmo seja concreto. Imagino uma reforma econômica e social, onde as pessoas dariam mais valor ao amor, aos gestos, a atitudes bondosas, ao plantar e colher, à natureza... Onde as pessoas sejam respeitadas, independente de seu gênero, condições sociais, opções sexuais, etc.

Espero que, daqui a cem anos (ou menos) parte de minhas utopias tornem-se realidade, diferentemente das utopias de Bellamy para o século XXI, que não se concretizaram.

Na obra “Apelo aos Vivos”, de Roger Garaudy, há um capítulo com o nome “Como viver de modo diferente?”, onde o autor nos instiga com esta pergunta inquietante. Segundo ele, não existem respostas prontas, nem a dos partidos políticos, nem a das ciências e das técnicas, nem a das Igrejas. Seria então necessária a vinda da resposta através de nós mesmos, de nosso interior? Seria a utopia um caminho para a mesma? Acredito que sim. Vivemos em uma sociedade onde a maioria das pessoas está insatisfeita com suas rotinas, com o seu presente. Imaginar e desejar um modo de vida diferente já é o primeiro passo para a mudança.